Fundação Getulio Vargas
13/08/2008
Revista Veja - SP

Tópico: IBRE
Impacto: Positivo
Editoria: Brasil
Cm/Col: 440
Pg: 68

O reino do meio

Pesquisas confirmam a redução da pobreza e mostram que mais de metade da população pertence à classe média

ANTONIO MILENA / AE

EFEITO POSITIVO *Consumidores vão às compras: o aumento da renda e a queda da desigualdade fortalecem o mercado interno*

O tamanho da classe média está diretamente relacionado à saúde econômica e política das nações. A ascensão dessa camada social dinamiza o consumo, incentiva a produção e torna a economia mais resistente a turbulências externas. A classe média funciona também como um importante amortecedor de conflitos sociais, contribuindo para a estabilidade política. Por isso é tão positiva a notícia de que ela já representa 52% da população das regiões metropolitanas do Brasil — em abril de 2004, essa participação era de 42%. A conclusão é de uma pesquisa divulgada na semana passada pela Fundação Getulio Vargas, do Rio de Janeiro. Esse dado veio se juntar a outra constatação, feita pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), também anunciada na semana passada: a de que 3 milhões de pessoas deixaram a faixa da pobreza. Significa que elas passaram a ganhar mais de 207,50 reais, per capita, por mês. Já se sabia que essas transformações estavam em curso. A boa notícia é que a tendência se mantém, o que projeta para o Brasil um futuro construído sobre alicerces mais sólidos.

Segundo o estudo do Centro de Políticas Sociais da FGV, coordenado pelo economista Marcelo Neri, embora o Brasil continue sendo um dos países mais desiguais do mundo, essa realidade começa a mudar *(veja o quadro)*. A esse indicador soma-se outro, igualmente importante. Ele analisa a mobilidade social e mostra que esse fenômeno não é transitório. A probabilidade de um indivíduo que pertence à classe média manter-se nela é de 84,5% (era de 78,7% em 2003). Melhor ainda: os números mostram que a probabilidade de chegar ao topo da pirâmide social é maior do que a de descer e passar a compor as classes D e E. Os estudos da FGV e do Ipea apresentam números parecidos e indicam um movimento extremamente positivo. As causas que elencam são complementares. O Ipea enfatiza como principais fatores da redução da pobreza o aumento real do salário mínimo e os programas sociais, como o Bolsa Família. Já a FGV calcula que o crescimento do emprego formal, com carteira assinada, está na base do processo. Em um ano, a contar de junho de 2007, foi criado 1,8 milhão de empregos formais. O fato é que o país encontrou um trilho seguro. Melhor: conseguiu mostrar que o controle da inflação e a austeridade nos gastos públicos (ainda que estejamos longe do ideal) têm efeitos, sim, sobre a redução da pobreza. Basta manter-se nesse rumo. ■ **RONALDO FRANÇA**

UM PAÍS MELHOR

Graças à queda na desigualdade de renda que o Brasil iniciou com a estabilidade econômica e vem sustentando nos últimos sete anos, o porcentual de pessoas que se enquadram na classe média passou de 44,2% para 51,9% da população*. Veja outras mudanças positivas:

*Dados válidos para as seis principais regiões metropolitanas

RENDA MAIOR

A renda média das famílias brasileiras que vivem nas grandes cidades aumentou de **1784 reais** para **1956 reais**

MENOS POBRES

O porcentual de pobres e remediados (com renda familiar de até 1064 reais) caiu de **42,8%** da população para **32,6%**

MAIS RICOS

As classes A e B cresceram **33,6%** entre abril de 2004 e abril deste ano

MENOR DESIGUALDADE

Entre 2002 e 2006, os **10%** mais pobres tiveram aumento médio de **57%** em sua renda, enquanto os **10%** mais ricos tiveram aumento de apenas **6%**